

BARREIRAS COMUNICACIONAIS NO ATENDIMENTO EM SAÚDE DA POPULAÇÃO SURDA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Deborah Aguiar da Silva¹, Roberto Nascimento de Albuquerque²

Resumo: O estudo teve como objetivo verificar as barreiras comunicacionais e suas consequências no atendimento em saúde da população surda. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura que propôs uma reflexão sobre as dificuldades comunicacionais no atendimento em saúde por parte da população surda. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados nos últimos 5 anos, em português, espanhol ou inglês, que contemplassem o tema proposto. Foram encontrados 387 artigos nas bases de dados selecionadas, dos quais 13 selecionados para esta pesquisa. As principais dificuldades foram a falta de conhecimento em Libras, falta de paciência dos profissionais de saúde, o desconforto e a falta de autonomia do surdo nas consultas. Frente ao exposto, torna-se necessário que os profissionais de saúde sejam capacitados em Libras para proporcionar qualidade na assistência, conforto e empoderamento ao surdo referente às demandas de saúde.

Palavras-chave: Surdez; Pessoas com Deficiência Auditiva; Barreiras de Comunicação; Assistência Integral à Saúde

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde é um estado de bem-estar físico, mental e social e não só uma ausência de doença. Além disso, é um direito fundamental do ser humano e deve ser garantido pelo Estado. No Brasil, os princípios da universalidade, equidade e integralidade preconizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) se traduzem na oferta de ações e serviços sem distinção do indivíduo, respeitando suas especificidades e atendendo a todos em suas necessidades (OMS/WHO, 1946; BRASIL, 2011).

1 Acadêmica de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (CEUB).

2 Enfermeiro. Mestre e Doutor em Enfermagem. Professor Titular do curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (CEUB).

Ressalta-se que comunicar-se é uma necessidade inerente do ser humano – é o meio primário do indivíduo de se relacionar com o ambiente e com as pessoas ao seu redor. Na área da saúde, essa comunicação é de extrema importância, pois uma comunicação clara e efetiva é primordial para uma escuta acolhedora, para o esclarecimento das instruções sobre procedimentos e informações relacionados à saúde, bem como na mitigação de equívocos no âmbito da saúde (FERREIRA *et al.*, 2019; ARAÚJO *et al.*, 2019; SOARES *et al.*, 2018).

Conforme último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem, aproximadamente, 10 milhões de indivíduos com surdez, em seus diferentes graus, no Brasil. Esse dado confirma a necessidade de um olhar especial no processo comunicacional da sociedade com essa população (IBGE, 2010; YONEMOTU, 2020).

Nesse contexto, pesquisas apontam que a população surda tem sofrido intensas dificuldades no processo de comunicação e no acesso aos serviços de saúde - muitas vezes não são compreendidos ou não compreendem os profissionais de saúde. A falta de conhecimento de Libras (Língua Brasileira de Sinais) aumenta a probabilidade de uma interpretação inadequada das informações e, conseqüentemente, condutas errôneas por parte dos profissionais de saúde (MASUKU, 2021; FERREIRA *et al.*, 2019).

Ressalta-se que muitas conquistas da comunidade surda ocorreram com a promulgação da Lei N° 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispôs sobre a Língua Brasileira de Sinais, sendo reconhecida como a segunda língua oficial do Brasil, e com o Decreto N° 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que instituiu a Libras como paradigma educacional da pessoa surda. Nesse contexto, a Libras tornou-se imprescindível para a evolução integral de seus construtos socioculturais, bem como a garantia da comunicação e expressão da comunidade surda (BRASIL, 2000; 2002; 2005; MEDEIROS, 2021).

Atualmente tramita pelo congresso um projeto de Lei, N° 535-B de 2015, que sugere intérpretes em instituições públicas para garantir o direito das pessoas surdas ao atendimento com tradutor (BRASIL, 2015).

Frente ao exposto, observa-se que a pessoa surda não deve ser qualificada e vista como deficiente ou doente, mas sim, como um ser que se diferencia dos demais por utilizar uma linguagem diferente dos outros, de caráter gesto-visual (SOARES *et al.*, 2018; SANTOS, 2019). Deste modo, os profissionais devem estar preparados para atender às demandas de saúde da população surda, bem como garantir a qualidade do acesso dessa população aos serviços de saúde. Portanto, justifica-se esse trabalho, pois muitas vezes a falta de comunicação entre o profissional-paciente surdo pode dificultar o atendimento e diminuir o empoderamento da comunidade surda.

Assim, a questão norteadora desta pesquisa foi: “Como tem sido a comunicação entre os profissionais de saúde e a população surda?”

Portanto, o presente estudo teve como objetivo verificar as barreiras comunicacionais e suas consequências no atendimento em saúde da população surda.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma revisão integrativa de literatura que propôs uma reflexão sobre as dificuldades comunicacionais no atendimento em saúde por parte da população surda.

As revisões integrativas de literatura incluem a análise e a síntese de pesquisas de maneira sistematizada de modo a contribuir para o aprofundamento do tema investigado, auxiliar na tomada de decisão e consequentemente, na melhoria da prática clínica, com base em resultados de pesquisa (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

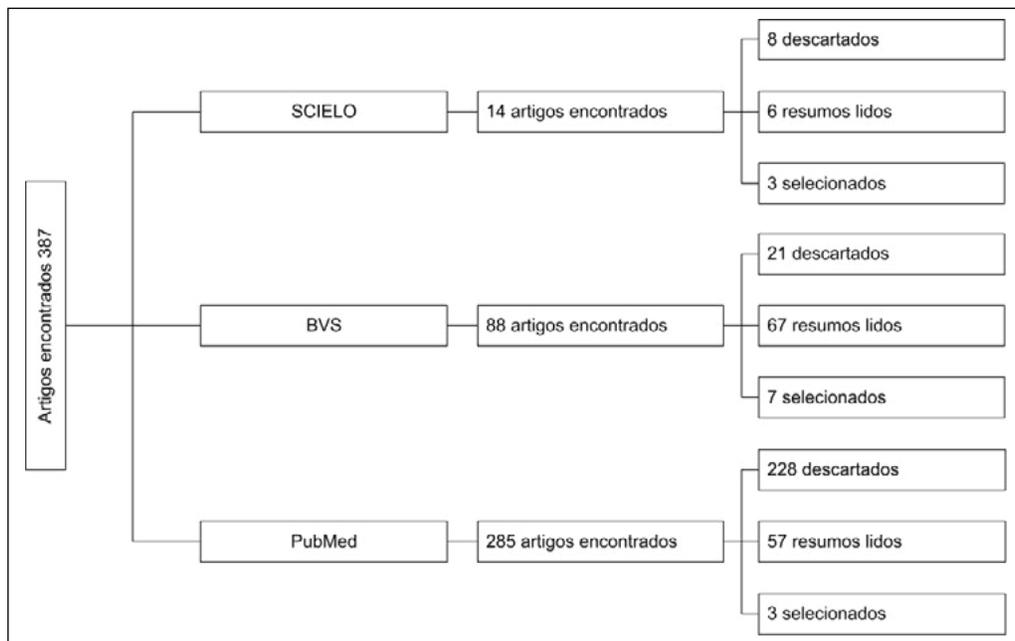
A coleta de dados ocorreu entre os meses de fevereiro e março de 2022, junto às bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e National Library of Medicine (PubMed). Foram utilizadas as seguintes palavras: surdo, atendimento, saúde, comunicação, acesso aos serviços de saúde.

Os critérios de inclusão foram: artigos publicados nos últimos 5 anos (2017 a 2022), em português, espanhol ou inglês, gratuitos, disponíveis em sua íntegra e que contemplassem o tema proposto para esta pesquisa. Excluíram-se os artigos de revisão, teses ou dissertações.

Para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa foi dividida em 6 partes: (1) Identificação do tema e definição da questão norteadora; (2) Busca de evidências/artigos conforme critérios de inclusão, exclusão e questão norteadora; (3) Avaliação das evidências dos estudos selecionados; (4) Integração das evidências por meio da construção de um quadro com os artigos selecionados para a revisão integrativa; (5) Discussão dos resultados e; (6) Apresentação da síntese dos conhecimentos.

Foram encontrados 387 artigos nas bases de dados selecionadas. Na BVS, dos 88 artigos, 21 foram descartados pelo título e por não contemplarem os critérios de inclusão da pesquisa. Logo em seguida, foram lidos 67 resumos - 17 deles foram selecionados para leitura na íntegra, e, destes, 7 selecionados para revisão integrativa. Na SciELO foram encontrados 14 artigos; 8 foram descartados pelo título e por não contemplarem os critérios de inclusão da pesquisa. Logo em seguida, foram lidos 6 resumos - 3 deles foram selecionados para leitura na íntegra, e, destes, os três foram selecionados para revisão integrativa. Na PubMed foram encontrados 285 artigos - 228 foram descartados pelo título e por não contemplarem os critérios de inclusão da pesquisa. Logo em seguida, foram lidos 57 resumos - 7 deles foram selecionados para leitura na íntegra, e, destes, 3 selecionados para revisão integrativa. Esses dados são encontrados na Figura 1.

Figura 1: Esquema das buscas realizadas na base de dados para a revisão integrativa.



Fonte: Elaboração própria.

Desta maneira, o *corpus* desta pesquisa foi composto por 13 artigos e que servirão como base para a discussão desta revisão integrativa de literatura, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Artigos selecionados com descrição de título, objetivos e principais resultados.

Autores/ Ano	Título	Objetivos	Principais resultados
Romano; Serpa, 2021	Singularidades da comunicação no encontro de pessoas surdas e profissionais de saúde mental.	Apresentar as diferentes formas de comunicação que podem acontecer quando surdos são atendidos em serviços de saúde mental, por meio de um Estudo de Casos Múltiplos	Apontaram para a diversidade nas formas de comunicação, convocando os profissionais a criarem novas formas de trabalho e cuidado no encontro com surdos usuários dos serviços de saúde mental.
Lee; Spooner; Harris, 2021	Acess and communication for deaf individuals in Astralian primary care	Identificar barreiras e facilitadores de acesso e comunicação para surdos e intérpretes em ambientes de clínicas gerais na Austrália.	As principais barreiras estavam relacionadas a métodos de comunicação utilizados pelos profissionais de saúde e falta de intérpretes. Auxílios visuais facilitaram o acesso.

Autores/ Ano	Título	Objetivos	Principais resultados
Rezende; Guerra; Carvalho, 2021	A perspectiva do paciente surdo acerca do atendimento à saúde.	Conhecer a perspectiva do surdo quanto às melhorias necessárias no atendimento à saúde para essa população.	Barreiras de comunicação, incluindo preconceito e falta de paciência do profissional de saúde. Necessidade de melhorias no atendimento ao paciente surdo, como ter presença de intérpretes e capacitação para os profissionais em Libras. Falta de conhecimento em Libras por parte dos profissionais tiram a autonomia e privacidade do surdo.
Rezende; Guerra; Carvalho, 2020	Satisfação do usuário surdo com o atendimento à saúde.	Investigar a satisfação de surdos em relação aos Serviços de Saúde, caracterizar a amostra quanto aos aspectos sociodemográficos, socioeconômicos e auto declaração da surdez e verificar se há associação entre satisfação com o atendimento, comunicação, profissional, e autodeclaração da surdez.	Os surdos não estavam satisfeitos com o atendimento à saúde, pois a maioria dos atendimentos a comunicação ocorreram de forma oral, escrita, ou por leitura labial, diminuindo a eficiência do cuidado.
Yonemuto; Vieira, 2020	Diversidade e comunicação: percepções de surdos sobre atividade de educação em saúde realizada por estudantes de medicina.	Analisar os efeitos de um curso de Libras nas atitudes sociais de estudantes de Medicina em relação à inclusão e os efeitos nas concepções e nos sentimentos de estudantes e surdos em relação à comunicação estabelecida entre eles.	A falta de capacitação dos profissionais de saúde em Libras afetou na compreensão das informações pelos surdos, gerando muitas dúvidas. A taxa de hospitalização por falta de informações sobre promoção e prevenção de saúde foi maior na população surda do que nos ouvintes.
Pereira <i>et al.</i> , 2020	“Meu sonho é ser compreendido”: Uma análise de interação médico-paciente surdo durante a assistência à saúde	Caracterizar os atendimentos de saúde aos surdos, na perspectiva dos profissionais médicos, dos internos de Medicina e dos próprios usuários, e discutir as estratégias desenvolvidas na interlocução e interação médico-paciente e as ferramentas para o aprimoramento da prática médica.	Surdos relataram desconforto no atendimento; outros relataram que já deixaram de buscar atendimento por medo de não serem compreendidos ou do desconforto. As soluções utilizadas foram: levar acompanhante intérprete, leitura labial, mímica e escrita, contudo, nenhuma dessas soluções foram resolutivas.
Santos; Portes, 2019	Percepções de sujeitos surdos sobre a comunicação na atenção básica à saúde.	Analisar as percepções de indivíduos com surdez em relação ao processo comunicacional com profissionais de saúde da Atenção Básica do Estado do Rio de Janeiro.	As principais barreiras de comunicação foram: falta de intérpretes e falta de conhecimento em Libras pelos profissionais de saúde. Ressalta-se que a presença de acompanhante ouvinte e uso de gestos foram as estratégias mais relatadas pelos surdos, porém muitos relatam insegurança após as consultas.

Autores/ Ano	Título	Objetivos	Principais resultados
Sanches <i>et al.</i> , 2019	O papel do enfermeiro frente ao paciente surdo.	Relatar a experiência vivenciada por discentes do curso de graduação em Enfermagem, em uma atividade de extensão voltada para a sensibilização sobre o papel do enfermeiro no atendimento ao surdo e para a importância do uso da linguagem de sinais em seu campo de atuação.	Alunos perceberam a importância de um profissional saber Libras por conta da barreira de comunicação nos atendimentos, a qual gerava dificuldade de entendimento e constrangimento para os surdos.
Soares <i>et al.</i> , 2018	Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo.	Descrever os saberes e as práticas de profissionais enfermeiros da atenção básica na assistência do usuário surdo.	Os enfermeiros afirmaram que desconheciam a Libras e que as práticas utilizadas para se comunicarem com os surdos eram através da escrita, gestos, leitura labial ou quando o surdo trazia um acompanhante ouvinte que sabia Libras.
Hombres <i>et al.</i> , 2018	American Sign Language Interpreters Perceptions of Barriers to Healthcare Communication in Deaf and Hard of Hearing Patients.	Identificar as percepções dos intérpretes de Língua de Sinais Americana (ASL) sobre as barreiras para uma comunicação eficaz entre pacientes surdos e profissionais de saúde.	Os intérpretes perceberam que os surdos não conseguiam compreender as instruções do atendimento em quase metade das consultas; perceberam também que os profissionais de saúde quase nunca utilizavam métodos de “feedback” com os pacientes para garantir a compreensão.
Gomes <i>et al.</i> , 2017	Conhecimento de Libras pelos médicos do Distrito Federal e atendimento ao paciente surdo.	Avaliar o conhecimento de Libras por médicos do Distrito Federal e sua percepção frente ao atendimento de pacientes surdos.	De 101 médicos, somente 1 tinha conhecimento em Libras. Relataram dificuldade no atendimento à população surda, com sentimentos de incerteza e desconforto. A maioria dos médicos considerou o conhecimento em Libras relevante para a prática clínica.
Lopes; Vianna; Silva, 2017	Comunicação do surdo com profissionais de saúde na busca da integralidade.	Problematizar e identificar a concepção do surdo quanto à comunicação com os profissionais de saúde.	Percebeu-se que barreiras de comunicação geram baixa qualidade do atendimento à população surda. Muitos surdos referiram o uso de recursos como a escrita, gestos, leitura labial e acompanhante ouvinte, porém, nem sempre eficazes. Por fim, a barreira comunicacional leva ao comprometimento da autonomia e independência do surdo.

Autores/ Ano	Título	Objetivos	Principais resultados
Sirch; Salvador; Palese, 2017	Communication difficulties experienced by deaf male patients during their in-hospital stay: findings from a qualitative descriptive study.	Explorar a experiência de comunicação de pacientes surdos em relação à sua internação hospitalar.	Os surdos se sentiram discriminados, não só pela falta de Libras, mas também pelos profissionais não perceberem facilmente suas necessidades. Essas barreiras de comunicação causam o desempoderamento dos surdos.

Fonte: elaboração própria.

DISCUSSÃO

Verificou-se que a dificuldade de comunicação entre profissionais de saúde e a população surda têm sido o principal empecilho para um atendimento de qualidade. As barreiras de ordem comunicacional, muitas vezes, estão associadas à atitude de desrespeito, afastamento e de impaciência por parte dos profissionais, o que dificulta a construção de vínculos e configuram-se como manifestações de discriminação (LOPES, VIANNA; SILVA, 2017).

Santos & Portes (2019) revelou que a ausência de um mediador durante os atendimentos, quais sejam tradutores/intérpretes de Libras ou acompanhantes ouvintes, foi responsável por 63% das desistências dos surdos em buscar unidades de saúde. Além disso, foi observado que 83% dos surdos entrevistados negaram ter recebido atendimento na atenção básica por profissionais que dominassem a Libras; 82% dos surdos mencionaram não compreender seu diagnóstico e 70% deles disseram não entender as orientações sobre seu tratamento durante os atendimentos em saúde com profissionais que não são capacitados em Libras (SANTOS; PORTES, 2019)

A barreira comunicacional também foi vista em estudo de Sanches e colaboradores (2019), os quais apontaram que os surdos que não compreendiam as instruções prescritas e/ou estipuladas pelos profissionais de saúde, tinham como consequências interpretações errôneas e cuidados equivocados. Isso prejudicou a saúde do surdo e, conseqüentemente, lhe trouxe inseguranças em relação ao tratamento e à cura (SANCHES *et al.*, 2019).

Pesquisas internacionais também relataram barreiras comunicacionais entre profissionais de saúde e a população surda. Estudo realizado na Austrália com surdos e intérpretes que utilizavam a Língua de Sinais Australiana (Auslan) revelou que tanto os surdos quanto os intérpretes identificaram barreiras comunicacionais importantes. Isso se deve ao fato de que, mesmo com a presença do intérprete, os profissionais de saúde não sabiam como lidar com a presença desse intérprete nas consultas – o correto seria os profissionais esperassem o intérprete terminar de falar com o surdo antes de dar mais informações. Esse problema, por exemplo, afetou diretamente na qualidade da

comunicação e aumentou o incômodo e a impaciência tanto de profissionais de saúde, intérpretes e surdos (LEE; SPOONER; HARRIS, 2021).

Estudo realizado com surdos italianos revelou que os mesmos se sentiam incomodados, principalmente nas dificuldades de comunicação que encontravam com a equipe de saúde. O que mais incomodava estava no fato de que os profissionais só faziam contato visual e conversavam, apenas, com seus acompanhantes. Os surdos relataram, ainda, que essa exclusão na conversa fazia com que se sentissem como crianças ou pessoas com problemas de saúde mental (SIRCH; SALVADOR, PALESE, 2017).

Sirch e colaboradores (2017) também apontaram que os surdos se sentiam desconfortáveis com a falta de paciência dos profissionais em repetir frases quando solicitados. Além disso, verificou-se que os surdos se sentiam mais angustiados pela comunicação limitada, pois não conseguiam se comunicar pela Língua Italiana de Sinais (LIS). Essa falta de paciência também foi vista em pesquisa brasileira de Resende e colaboradores (2021) os quais revelaram que os surdos gostariam que os profissionais tivessem mais paciência, falassem com calma e olhassem diretamente para a pessoa surda. Algo importante: caso o surdo não entenda, será ele que irá pedir auxílio, por exemplo, para um intérprete (RESENDE *et al.*, 2021).

É evidente que essas dificuldades podem fazer com que os surdos deixem de ir aos serviços de saúde por medo de não serem compreendidos e respeitados. Além disso, o desconforto durante as consultas pode fazer com que não relatem exatamente seus problemas, dores e angústias (PEREIRA *et al.*, 2020).

Observou-se, também, que essa barreira na comunicação afeta os profissionais de saúde que querem ofertar um atendimento de qualidade para a população surda. O desconhecimento de Libras por parte desses profissionais suscita sentimentos de incerteza, desconforto e falta de preparo para lidar com essa situação (GOMES *et al.*, 2017).

Para tentar minimizar essa barreira de comunicação, alguns hospitais norte-americanos implantaram um dispositivo chamado interpretação remota de vídeo (VRI). Esse dispositivo tem como função garantir acesso remoto 24 horas por dia /7 dias na semana para intérpretes profissionais em mais de 150 idiomas distintos. Apesar da existência desse dispositivo, foi verificado que os surdos não se adaptaram bem, pois ocorriam interrupções na Internet, falhas nos equipamentos, bem como interpretações errôneas dos intérpretes. Essas situações atrapalharam substancialmente a comunicação durante a consulta (HOMMES *et al.*, 2018).

Outra tentativa de minimizar essa barreira está na garantia da presença de um intérprete contratado pela instituição de saúde durante a consulta. Essa situação ainda suscita opiniões divergentes. Estudos revelaram que surdos que levavam alguém conhecido nas consultas facilitava na comunicação e

compreensão da situação de saúde e conferia maior segurança ao paciente surdo diante das recomendações médicas. Contudo, a presença de uma pessoa estranha à pessoa surda e assumindo o papel de interlocutor durante a consulta, fragiliza a relação médico-paciente, principalmente quando envolvia assuntos íntimos ou particulares (PEREIRA *et al.*, 2020; SOARES *et al.*, 2018).

Outra estratégia adotada foi apontada em pesquisa de Romano & Serpa (2021), a qual relatou que profissionais de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) criaram maneiras de comunicar-se para além do falar e escutar; partiram da necessidade de cada um desses sujeitos surdos e que, mesmo que forma não habitual, deveriam estar atentos aos diferentes modos como cada pessoa se comunica (palavras, gestos, sons, expressões, choro). Isso se tornou o ponto-chave para o acesso ao serviço de saúde (ROMANO; SERPA, 2021).

Observa-se, ainda, que o emprego de mímica e gestos durante as consultas são as estratégias mais utilizadas por parte dos profissionais de saúde. Apesar de não serem as estratégias preferidas pela comunidade surda, os movimentos gestuais e expressões faciais precisam ser muito bem avaliadas, pois são passíveis de interpretações variáveis e resultarem em equívocos de compreensão por parte dos surdos (PEREIRA *et al.*, 2020; LOPES; VIANNA; SILVA, 2017).

Outra estratégia bastante utilizada pelos profissionais de saúde durante uma consulta com surdos é o emprego da leitura labial. Contudo, estudos revelaram que não tem sido uma estratégia eficiente, pois requer bastante atenção por parte da pessoa surda. Além disso, diversos fonemas são produzidos com similar ponto de articulação (os fonemas “B” e “P”, como nas palavras “bata” e “pata”, por exemplo) - isso pode atrapalhar na compreensão e na perda de informação (REZENDE; GUERRA; CARVALHO, 2020).

Além disso, outros fatores também podem atrapalhar na leitura labial e, conseqüentemente, na dificuldade de compreensão por parte dos surdos, tais como: presença de bigode, sotaques, mudança de posição do profissional de saúde, o uso de máscaras durante a consulta, dentre outros (PEREIRA *et al.*, 2020).

Verificou-se que a utilização da língua escrita durante as consultas também foram estratégias que auxiliaram na compreensão da comunicação profissional-paciente. Porém, a escrita só deve ser escolhida para a interação com aqueles surdos que possuem domínio da língua escrita ou são alfabetizados por meio língua portuguesa, por exemplo. Ressalta-se que a estrutura linguística da Libras é diferente da Língua Portuguesa e isso pode ser um fator dificultador no processo de compreensão da mensagem (REZENDE; GUERRA; CARVALHO, 2021).

Frente ao exposto, faz-se necessário que o profissional assuma algumas ações, tais como: perguntar ao surdo qual a melhor forma de comunicar-se com ele; manter contato visual e respeito; não esconder a boca com as mãos,

canetas, barba ou máscaras para facilitar a leitura labial daqueles surdos que foram capacitados para tal; repetir as informações com calma e paciência até a total compreensão do surdo e; resumir a história e utilizar a escrita, quando necessário (YONEMUTO; VIEIRA, 2020).

Ademais, os profissionais de saúde devem estar cientes sobre a legislação que protege a comunidade surda durante os atendimentos de saúde, bem como serem capacitados, desde a sua graduação, para atenderem à pessoa com deficiência auditiva, propiciando uma assistência integral e humanizada (REZENDE; GUERRA; CARVALHO, 2020; YONEMUTO; VIEIRA, 2020).

CONCLUSÃO

Verificou-se que as principais barreiras comunicacionais enfrentadas pela população surda no âmbito da saúde foram a dificuldade/falta de conhecimento em Libras pelos profissionais de saúde, a falta de paciência desses profissionais ao atendê-los, o desconforto durante o atendimento e a falta de autonomia do surdo nas consultas em saúde.

Além disso, observou-se que as principais estratégias empregadas pelos profissionais de saúde na tentativa de diminuir essa barreira comunicacional foram a utilização de intérpretes ou acompanhantes ouvintes durante a consulta, a utilização da comunicação escrita, desenhos, mímicas e a verbalização oral de maneira lenta para o surdo tentar realizar a leitura labial.

Apesar dessas tentativas, os estudos apontaram que tais estratégias não têm sido eficazes, pois muitas vezes o surdo não tem a Língua Portuguesa como primeira língua, diferenças culturais no processo de entendimento dos gestos/mímicas, dificuldades de entendimento da leitura labial por parte dos surdos, bem como a falta de empoderamento e liberdade do surdo com a presença de acompanhantes e/ou intérpretes de Libras.

Nesse contexto, ficou evidente que o conhecimento de Libras, por parte do profissional de saúde, garante um atendimento humanizado, integral e de qualidade aos surdos. Para tanto, faz-se necessária a implantação de curso de Libras como disciplina obrigatória durante a graduação dos cursos de saúde, bem como educação permanente em Libras para os profissionais de saúde.

Além disso, sugere-se novas pesquisas no âmbito da comunicação em saúde a fim de encontrar novas estratégias comunicacionais entre os profissionais de saúde e a população surda.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. *et al.* A dificuldade no atendimento médico às pessoas surdas. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 3-9, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.revista.fcmmg.br/ojs/index.php/ricm/article/view/64/45>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **SUS: a saúde do Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3bvMduB>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL, Presidência da República (BR), Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto n.º 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso: 17 mar. 2022.

BRASIL, Presidência da República (BR), Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n.º 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais: Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 17 mar. 2022.

FERREIRA, D. *et al.* Assistência à gestante surda: barreiras de comunicação encontradas pela equipe de saúde. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 31-42, out./dez. 2019. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/2234/pdf>. Acesso em: 08 set. 2021.

GOMES, L. *et al.*, Conhecimento de Libras pelos Médicos do Distrito Federal e Atendimento ao Paciente Surdo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Asa Norte, v. 41, n. 3, p. 390-396, jul./set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n3RB20160076>.

HOMMES, R. *et al.* American Sign Language Interpreters Perceptions of Barriers to Healthcare Communication in Deaf and Hard of Hearing Patients. **Journal of Community Health**, v. 48, p. 956-961, abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10900-018-0511-3>.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo 2010**. Brasília, DF: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

LEE, P.; SOOPNER, C.; HARRIS, M. Access and communication for deaf individuals in Australian primary care. **Health Expectations**, v. 24, n. 6, p. 1971-1978, jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/hex.13336>.

LOPES, R.; VIANNA, N.; SILVA E. Comunicação do surdo com profissionais de saúde na busca da integralidade. **Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 213-221, mai-ago. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.177651/1983-1870.2017v10n2p213-221>.

MASUKO, K.; MOROE, N.; MERWE, D. The world is not only for hearing people – It's for all people': The experiences of women who are deaf or hard of hearing in accessing healthcare services in Johannesburg, South Africa. **African Journal of Disability**, Joanesburgo, v. 10, a800, jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4102/ajod.v10i0.800>.

MEDEIROS, R. **A alfabetização em Língua Portuguesa para crianças surdas: a relevância da abordagem bilíngue**. 2021. 46f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicós, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/37388>. Acesso em: 14 mar. 2022.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) 1946**. 1946. Disponível em: <http://www.nepp-dh.ufrj.br/oms2.html>. Acesso em: 14 mar. 2022.

PEREIRA, A. *et al.* "Meu sonho é ser compreendido": Uma Análise da Interação Médico-Paciente Surdo durante Assistência à Saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Asa Norte, v. 44, n. 4, e121, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200028>.

REZENDE, R.; GUERRA, L.; CARVALHO, S. A perspectiva do paciente surdo acerca do atendimento à saúde. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 23, n. 2, e0620, abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0216/20212320620>.

REZENDE, R.; GUERRA, L.; CARVALHO, S. Satisfação do usuário surdo com o atendimento à saúde. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 22, n. 5, e8119, nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0216/20202258119>.

ROMANO, B. SERPA, O. Singularidades da comunicação no encontro de pessoas surdas e profissionais de saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, e310208, jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310208>.

SANCHES, I. *et al.* O papel do enfermeiro frente ao paciente surdo. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 13, n. 3, p. 858-62, mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i03a238964p858-862-2019>.

SANTOS, A.; PORTES, A. Perceptions of deaf subjects about communication in Primary Health Care. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 27, e3127, mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2612.3127>.

SIRCH, L.; SALVADOR, L.; PALESE, A. Communication difficulties experienced by deaf male patients during their in-hospital stay: findings from a qualitative descriptive study. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v. 31, n. 2, p. 368-377, jun. 2017. DOI: [10.1111/scs.12356](https://doi.org/10.1111/scs.12356).

SOARES, I. *et al.* Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 32, p. 25978, set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v32.25978>.

YONEMOTU, B.; VIEIRA, C. Diversidade e comunicação: percepções de surdos sobre atividade de educação em saúde realizada por estudantes de medicina. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação Inovação Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 401- 414, abr./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.1827>.